

A PERSPECTIVA CRÍTICA NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA/ INGLÊS NA ESCOLA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA INICIAL COM O PIBID¹

Viviane Pires Viana Silvestre²

Claudia Maria Miranda³

Eduwesley Pereira da Silva⁴

Jéssica Alves Fernandes⁵

Jussara Mariano Ferreira⁶

Patrícia Maria Ferreira⁷

Rosana Rodrigues Tavares Lima⁸

Comunicação oral - GT Línguas e literaturas estrangeiras

Resumo: Este trabalho visa relatar as experiências dos/as bolsistas PIBID, subprojeto de Letras/Inglês, da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Inhumas, no primeiro semestre de 2013. Elaboramos nossas ações com base na perspectiva crítica de ensino de língua estrangeira, mais notadamente, na proposta de letramento crítico de línguas (MENEZES DE SOUZA, 2011; JORDÃO; FOGAÇA, 2007). Assim, nosso subprojeto tem como objetivo principal trabalhar a criticidade dos/as alunos/as por meio do ensino de língua estrangeira/inglês, tornando-os/as cidadãos/ãs conscientes de seus papéis na sociedade. O subprojeto desenvolvido na escola-parceira - uma escola pública de tempo integral no interior de Goiás - priorizou o trabalho com de oficinas de língua estrangeira/inglês, com reagrupamentos de alunos/as de sexto ao nono ano, no turno vespertino. No primeiro semestre de 2013, trabalhamos com oficinas temáticas, quais sejam: “*Stereotype: Body and Beauty*” (Estereótipo: Corpo e Beleza) e “*To be or to have?: that’s the question*” (Ser ou ter?: eis a questão), procurando propiciar aos/às alunos/as uma ressignificação acerca dessas temáticas. Neste texto, relatamos essa experiência inicial com o ensino de língua estrangeira/inglês, destacando o que foi desenvolvido em cada oficina temática, bem como apresentamos algumas percepções dos/as alunos/as acerca do trabalho desenvolvido, obtidas por meio da análise de duas respostas a dois questionários aplicados aos/às discentes. Acreditamos que as oficinas de língua estrangeira/inglês têm contribuído no processo de ensino-aprendizagem, oportunizando aos/as alunos/as aulas significativas, que ampliam as visões de mundo tanto de quem ensina quanto de quem aprende.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem de língua estrangeira, perspectiva crítica, escola pública, Pibid

Introdução

A literatura nacional sobre ensino de língua estrangeira (doravante LE) há tempos tem trazido à tona o recorrente insucesso na aprendizagem da língua-alvo na escola básica,

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil.

² Docente da Universidade Estadual de Goiás - UnU Inhumas. Endereço eletrônico: vivianepvs@gmail.com.

³ Discente da Universidade Estadual de Goiás - UnU Inhumas. Endereço eletrônico: claudia.passion@hotmail.com.

⁴ Discente da Universidade Estadual de Goiás - UnU Inhumas. Endereço eletrônico: eduwesley@hotmail.com.

⁵ Discente da Universidade Estadual de Goiás - UnU Inhumas. Endereço eletrônico: jessica_alves_f@hotmail.com.

⁶ Docente da Rede Estadual de Educação de Goiás. Endereço eletrônico: jsra_@hotmail.com.

⁷ Discente da Universidade Estadual de Goiás - UnU Inhumas. Endereço eletrônico: patyhtnha@hotmail.com.

⁸ Discente da Universidade Estadual de Goiás - UnU Inhumas. Endereço eletrônico: littleangelluz@hotmail.com.

especialmente na rede pública. É notável que a área ainda carece de estudos que discutam casos bem-sucedidos de ensino de LE nesse contexto.

Neste trabalho, almejamos compartilhar as atividades iniciais de uma experiência com o ensino de LE/inglês em uma escola pública que tem se mostrado significativa para todos/as os/as envolvidos/as (alunos/as e professores/as). Essas atividades inserem-se na proposta de trabalho do subprojeto "PIBID/UEG/LETRAS/INGLÊS/INHUMAS", parte integrante do projeto institucional da Universidade Estadual de Goiás (UEG) aprovado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, da Capes, edital 2012. Participam desse subprojeto seis bolsistas de iniciação à docência (licenciandos/as em Letras - Português/Inglês), uma professora supervisora (docente de língua inglesa da escola) e uma coordenadora de área (docente do curso de Letras - Português/Inglês)⁹. O subprojeto está sendo desenvolvido, desde agosto de 2012, em parceria com uma escola pública de tempo integral do interior de Goiás que atende uma média de 140 alunos/as do Ensino Fundamental II. Parte da proposta do subprojeto é oferecer oficinas de língua inglesa uma vez por semana aos/às alunos/as da escola-parceira.

A proposta de organização metodológica do presente trabalho, então, é apresentar um relato sucinto do desenvolvimento das oficinas ministradas no primeiro semestre de 2013, bem como trazer uma breve análise de duas respostas dos questionários respondidos pelos/as alunos/as acerca dessas aulas. Acreditamos que esse trabalho se justifica pela relevância de compartilhar nossa experiência com demais professores/as e formadores/as de professores/as de LE.

Deste texto, constam esta parte introdutória; as considerações teóricas, na qual discutimos brevemente a perspectiva teórica que tem fundamentado nossa proposta de ação docente; a descrição das atividades do subprojeto, com foco na colaboração e reflexão; o relato das oficinas de inglês; as percepções dos/as alunos/as; e nossas considerações finais.

Fundamentação teórica: a perspectiva crítica de ensino de língua estrangeira

Sabemos que a escola desempenha um papel crucial na formação de nossas identidades. Como bem coloca Moita Lopes (2012, p. 9), "a escola é um espaço fundamental de construção da vida social", uma vez tudo o que ocorre dentro e fora de sala de aula corrobora para nossa formação. Sendo assim, é importante termos a consciência de que nossa prática docente tem o potencial de trazer mudanças na vida de nossos/as alunos/as. Além

⁹ O presente texto foi escrito colaborativamente por todos/as participantes do subprojeto, com exceção de um bolsista de iniciação à docência.

disso, "somos seres do discurso que se constroem e se re-constroem pela palavra, que é a matéria principal das aulas de línguas" (MOITA LOPES, 2012, p. 10), daí nosso importante papel.

Nesse sentido, a aprendizagem de LE pode proporcionar aos/às alunos/as uma conscientização crítica (MENEZES DE SOUZA, 2011), (re)construindo suas percepções acerca de seus papéis sociais, uma vez que a sala de aula de LE pode ser um lugar onde os/as alunos/as podem questionar suas próprias vivências e ideologias, refletindo acerca das "verdades" que são impostas pela sociedade e procurando superar desigualdades. Nas palavras de Pessoa e Borelli (2011, p.12),

No caso do ensino de segunda língua ou de língua estrangeira, pode-se escolher entre ensinar apenas a língua ou educar para a vida; entre abordar conteúdos triviais, como a previsão do tempo, ou temas que possam contribuir para a construção de um mundo menos desigual.

Para isso, o/a professor/a de LE precisa "compreender o seu papel na sociedade, e sua responsabilidade de agente transformador" (BORELLI; PESSOA, 2011, p.25), o que requer uma ação crítica, provocando questionamentos em suas aulas que contribuam para a produção de novos significados na construção de um mundo menos desigual. O professor/a transformador/a é aquele/a que não se limita a ensinar a LE somente em nível de estrutura (concepção sistêmica e fixa), mas que, por meio do ensino da LE, se preocupa com aspectos da formação dos/as alunos/as que perpassam e ultrapassam os limites da sala de aula. Como argumentam Jordão e Fogaça (2007, p. 87),

(...) quando a língua é definida como discurso, o ensino de LEs se torna o ensino de novas formas de nos compreendermos e de percebermos o mundo. A língua como discurso implica o entendimento de nossas práticas de linguagem como práticas de (re)significarmos o mundo e o que acontece em nossa volta, a forma como percebemos a realidade.

Dessa forma, partindo da concepção de língua como prática social, temos procurado desenvolver nosso trabalho na escola-parceira embasados/as em uma perspectiva crítica de ensino de LE, mais notadamente, na proposta do letramento crítico. Como apontam Cervetti et al. (2001 *apud* Jordão e Fogaça, 2007, p. 91, tradução dos autores),

[e]ssencialmente, os alunos do letramento crítico abordam o processo de significação textual como um processo de construção, e não de extração; nós atribuímos sentidos a um texto ao invés de extrairmos os significados dele.

Acima de tudo, o significado textual é compreendido num contexto sócio-histórico e de relações de poder, não somente como o produto ou a intenção de um autor. Além disso, a leitura é um ato de conhecer o mundo (além das palavras do texto) e uma forma de transformação social.

Ou, como conceitua Menezes de Souza (2011, p. 296),

Letramento crítico consiste em não apenas ler, mas *ler se lendo*, ou seja, ficar consciente o tempo inteiro de como eu estou lendo, como eu estou construindo o significado... e não achar que leitura é um processo transparente, o que eu leio é aquilo que está escrito... Pensar sempre: por que entendi assim? Por que acho isso? De onde vieram minhas ideias, as minhas interpretações?

Escolhemos trabalhar com essa perspectiva de ensino de LE porque acreditamos que as demandas de sala de aula vão muito além de questões pedagógicas. Compreendemos que a sala de aula de LE é a própria vida dos/as alunos/as (e dos/as professores/as também). É importante salientar que o/a professor/a não vai levar para a sala de aula soluções unificadoras, com o intuito de solucionar todos os problemas que os/as circulam, mas, sim, problematizar pressupostos, provocar reflexões, sem imposições de suas próprias ideologias e concepções. É nesse sentido que temos tentado promover o ensino de LE/inglês.

Atividades do grupo: foco na colaboração e na reflexão

Nosso subprojeto é desenvolvido com foco na colaboração e na reflexão, pois acreditamos que a “atuação colaborativa pode contribuir significativamente para que a reflexão ultrapasse as questões da prática e atinja um nível maior de criticidade” (PESSOA; BORELLI, 2011, p. 64). Lançamos mão da colaboração e da reflexão em três momentos distintos: nas sessões reflexivas, no ensino colaborativo e nas sessões de *feedback*.

As sessões reflexivas acontecem semanalmente na IES, onde estudamos textos teóricos, planejamos nossas aulas e refletimos sobre diferentes aspectos de nossa prática pedagógica. Essas sessões acontecem desde o início da implementação do subprojeto, em agosto de 2012. A partir do primeiro semestre de 2013, com o início das oficinas de inglês na escola, temos focalizado em nossos encontros o planejamento colaborativo e preparação de materiais para nossas aulas.

As oficinas de inglês são conduzidas colaborativamente, com o apoio da professora-supervisora. Cada turma conta com três professores/as-licenciandos/as¹⁰ e, quinzenalmente, a professora-coordenadora ministra as aulas com os dois grupos de professores/as-licenciandos/as.

Após cada dia de oficinas, temos as sessões de *feedback*. Nesse momento, cada integrante expõe os acontecimentos das aulas, como foram desenvolvidas as atividades, as reações dos/as alunos/as e, juntos/as, refletimos sobre nossas ações e dos/as discentes.

As oficinas de língua inglesa

Em 2012, a escola-parceira de nosso subprojeto passou a atender aos/às discentes em período integral. Nessa nova configuração, os/as alunos/as passaram a ter aulas das disciplinas curriculares no período matutino (7h às 11h20), almoçarem na unidade escolar e, após um breve intervalo para repouso, participarem de oficinas variadas (letramento, matemática, artes, música, teatro, esportes etc.) no período vespertino (12h35 às 15h). No decorrer das atividades iniciais de desenvolvimento do subprojeto (conhecimento da rotina escolar, observação e acompanhamento das aulas de inglês, participação em eventos, reuniões, conselhos de classe etc.), no segundo semestre de 2012, vislumbramos a possibilidade de oferecer aos/às alunos/as, uma vez por semana, oficinas de inglês, visto que a escola apenas oferecia as duas aulas semanais da disciplina previstas na matriz curricular. A proposta foi prontamente aceita pela equipe gestora da escola, que nos deu livre-arbítrio para organizá-la e colocá-la em ação.

Fizemos, então, o levantamento dos/as alunos/as que gostariam de participar dessas oficinas e tivemos, em média, 90 alunos/as do 6º ao 9º ano interessados/as. Reagrupamos esses/as alunos/as em seis turmas, ficando cada uma com 15 alunos/as, em média. Organizamos duas salas para funcionamento das oficinas (sala de informática e uma sala-extra da escola que a professora de artes usa para guardar alguns materiais de suas aulas). Cada trio de professores/as-licenciandos-as se responsabilizou por uma das salas, cuidando de três turmas em cada sala (turma 1: 12h35-13h20; turma 2: 13h20-14h10; turma 3: 14h10-14h45). O plano de aula de cada oficina é elaborado colaborativamente, como já mencionado, e é único para todas as turmas.

¹⁰ Todos/as participantes do subprojeto atuam como professores/as. Dessa forma, optamos por nomear o/a bolsista de iniciação à docência como "professor/a-licenciando/a" e a coordenadora de área como "professora-coordenadora".

Como não temos nenhum currículo pronto ou livro didático a seguir, definimos que iríamos trabalhar com oficinas temáticas, seguindo a proposta do letramento crítico na proposição das atividades. Em uma de nossas sessões reflexivas, levantamos uma série de temáticas que julgamos pertinentes ao contexto da escola-parceira. Dentre elas, conseguimos trabalhar com duas temáticas no primeiro semestre de 2013: *Stereotype: Body and Beauty* (Estereótipo: Corpo e Beleza) e “*To be or to have?: that’s the question*” (Ser ou ter?: eis a questão). É importante ressaltar que priorizamos o uso da língua-alvo em nossas aulas, tanto pelos/as professores/as como pelos/as alunos/as, sempre que possível. Passamos a descrever, de forma sucinta, as atividades propostas em cada oficina.

Temática 1: *Stereotype - Body and beauty*

Optamos por tratar inicialmente da temática “*Stereotype: Body and Beauty*”, por estar vinculada ao contexto social atual de nossos/as alunos/as. Além disso, uma das professoras-licenciandas havia desenvolvido essa temática em seu projeto de estágio no ano anterior e provocado reflexões interessantes, o que despertou o interesse de nosso grupo também. Para essa temática, desenvolvemos cinco aulas, nos meses de março e abril de 2013. A objetivo geral dessas aulas foi problematizar o(s) conceito(s) de beleza, por meio do ensino da LE/inglês.

No dia 07/03/2013, iniciamos nossas oficinas de inglês. Como não conhecíamos os/as alunos/as e eles/as eram de turmas diferentes (6º ao 9º), fizemos uma dinâmica de apresentação do grupo. Em seguida, trabalhamos o vocabulário de alguns adjetivos, relacionando a algumas imagens. Procuramos, sempre que julgamos pertinente, problematizar as relações propostas pelos/as alunos/as entre os adjetivos e as imagens, iniciando a reflexão sobre a temática.

Na segunda aula, no dia 14/03/2013, trabalhamos o vídeo “*Media's Effect on Beauty*” (disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JAW4LIFYFng>), que questiona os padrões de beleza impostos pela mídia, principalmente ao universo feminino. Primeiramente, entregamos uma atividade escrita, na qual os/as alunos/as precisariam relacionar as sentenças (em inglês) que aparecem no vídeo com sua possível tradução em português. Feita a conferência, eles/as assistiram ao vídeo, atentando-se para a ordem em que as sentenças apareciam e enumerando-as. Abrimos, então, para uma discussão acerca do vídeo. Finalizamos com uma “*homework*” diferente: de forma prática, eles/as (alunos/as) diriam para alguém que essa pessoa é linda(o) - *You’re pretty!*.

Na aula seguinte, dia 21/03/2013, iniciamos com o *feedback* da atividade proposta para casa (dizer para alguém que a pessoa era linda, em inglês). Em seguida, a proposta para esse dia foi completar a frase: "*In my opinion, beauty is...*". Em uma folha de papel A4, cada aluno iria escrever sua frase e ilustrar com uma imagem retirada de revistas ou com o próprio desenho. Ao final, partilharam suas produções com os/as demais colegas e professores/as.

Nossa quarta aula aconteceu no dia 04/04/2013. Iniciamos com uma dinâmica: levamos um espelho dentro de uma caixa; em círculo, pedimos aos/às alunos/as que olhassem dentro da caixa e vissem a pessoa mais bonita do mundo. Fizemos uma breve discussão a respeito. A proposta do dia era apresentar a beleza de forma subjetiva. Por meio do trabalho com a música "*Just the way you are*", de Bruno Mars, discutimos acerca de nossas concepções sobre nossas próprias belezas, sobre a possibilidade do outro perceber beleza em nós, mesmo que não percebamos isso.

Na última oficina com essa temática, no dia 10/04/2013, trabalhamos uns slides preparados colaborativamente por nós¹¹, com o título "*Beauty around the world and over time*", provocando uma discussão sobre os padrões de beleza em diferentes culturas e épocas. Ao final da aula, cada aluno/a deveria escrever uma frase que seria anexada a uma foto sua que havíamos tirado previamente.

O fechamento dessa temática se deu com uma mostra de fotos individuais dos rostos dos/as alunos/as, cada uma com uma frase/expressão em inglês produzida por eles/as, principalmente ligadas ao tema (*1st Photography exhibition - Part of Horácio's beauty*). A mostra aconteceu no dia 17/04/2013 e foi aberta a todos/as da escola.

Temática 2: *To be or to have - that's the question*

A segunda temática trabalhada nas oficinas de inglês foi "*To be or to have?: that's the question*". O objetivo geral do tema foi discutir a relação "ter" e "ser", provocando uma reflexão acerca do consumismo acrítico por meio do ensino de LE/inglês. Trabalhamos com essa temática ao longo de seis aulas, nos meses de abril, maio e início de junho de 2013.

A primeira aula dessa temática aconteceu no dia 17/04/2013. Iniciamos essa aula solicitando aos/às alunos/as que respondessem a um questionário com suas impressões sobre as oficinas com a temática anterior. Em seguida, trabalhamos algumas propagandas que estavam expostas no quadro e, a partir delas, geramos uma breve discussão, usando as

¹¹ Agradecemos ao Márcio Lamounier, professor-licenciado do subprojeto que sempre cuidou das edições finais de nossos "materiais/recursos tecnológicos" (slides, vídeos, etc.) e que, infelizmente, não pôde participar da elaboração deste texto conosco.

seguintes questões: *What do I need? What do I want? What do I have?*. Por fim, os/as alunos/as preencheram uma tabela (com três palavras em cada coluna) que continha as seguintes informações: *I am, I have, I need, I want*.

Iniciamos a segunda aula, no dia 24/04/2013, dividindo os alunos em cinco grupos com três pessoas. Logo após, apresentamos e fizemos a prática oral das seguintes questões: *What's your name? What do you need? What do you want? What do you have?*. Em seguida, os/as alunos/as entrevistaram os/as colegas do grupo e registraram suas respostas em uma tabela.

No dia 08/05/2013, começamos a aula com uma dinâmica envolvendo os verbos trabalhados nas aulas anteriores (ter, ser, querer e precisar). Logo após, apresentamos e refletimos sobre os gráficos que fizemos com os itens mais recorrentes das entrevistas feitas na aula anterior. Na sequência, mostramos um slide com imagens de itens "materiais", indagando os/as alunos/as: *How much would you pay?*. Antes, porém, relembramos alguns números em inglês (100, 1000 etc.). E, por fim, pedimos como atividade de casa para fazerem uma lista (em inglês) das coisas que comprarem durante a semana.

Na quarta aula, dia 22/05/2013, iniciamos com o *feedback* da atividade solicitada para casa, analisamos juntos/as a lista de quem havia feito e perguntamos se eles já imaginaram um dia em que não pudessem comprar nada. Assim, introduzimos a proposta para essa aula: trabalhar o texto *Buy Nothing Day*¹² (adaptado de <http://www.buynothingday.co.uk/>). Pedimos que, ao lerem o texto, sublinhassem as palavras que conheciam. Em seguida, fizemos as seguintes perguntas (oralmente): a) De onde o texto foi retirado?; b) Que tipo de texto é?; c) Do que trata?. Na sequência, propomos uma dinâmica (relacionar as questões em inglês e português) para que discutissem as seguintes questões: Quais as consequências do consumismo?; Você costuma ficar quanto tempo (horas, dias, semanas) sem comprar algo? Por quê?; Você participaria do "Buy nothing day"? Por quê (não)?; Há pessoas que não compram nada num dia porque realmente não podem e não porque não querem? Quem são essas pessoas?. Por fim, deixamos uma tarefa de casa, um desafio: viverem um "buy nothing day".

Na aula seguinte, dia 29/05/2013, iniciamos perguntando sobre o desafio que havíamos proposto. Logo após, mostramos um slide que preparamos com atividades feitas por crianças de cinco anos, que continham imagens de propagandas, a pergunta "Você compraria?" e as respostas escritas das crianças. Em seguida, propomos a mesma atividade

¹² Um dia em que as pessoas, intencionalmente, não compram nada como forma de protesto ao consumismo. Movimento internacional ainda não recorrente no Brasil.

para nossos/as alunos/as, só que a pergunta e as respostas seriam em inglês (Would you buy it? Why (not)?). Ao final, compartilharam suas produções escritas com os/as colegas.

Na última aula da temática, dia 05/06/2013, trabalhamos a música "*Price Tag*", da cantora Jessie J. Para finalizar o trabalho com essa temática, foram entregues etiquetas aos/às alunos/as para que escrevessem três itens que, na opinião deles/as, o dinheiro não compraria, e colocarem em uma pequena árvore que levamos para a sala, formando uma "*Price tag tree*" (em analogia à árvore de dinheiro que aparece no *video clip* da música¹³). Ao final, os/as alunos/as responderam a um questionário com suas impressões acerca das oficinas com essa temática.

Percepções dos/as alunos/as

Como já mencionado, ao final do trabalho com cada temática, solicitamos aos/às alunos/as que respondessem a um questionário (conferir anexo) sobre suas impressões a respeito das oficinas. Apresentamos, a seguir, um quadro com a síntese das respostas dos/as alunos/as às duas primeiras questões de cada questionário:

Temática: <i>Stereotype:body and beauty</i>	Questionários respondidos: 60
Pergunta 1: Como foram as oficinas sobre o tema " <i>beauty</i> " (beleza)?	
Respostas	Número de alunos/as
Boas	19
Muito boas	18
Ótimas	16
Legais	12
Interessante	1
Divertidas	1
Pergunta 2: O que você aprendeu nessas aulas?	
Falar inglês.	18
Diferentes formas de beleza.	28
Beleza é subjetiva.	6
Beleza não é tudo.	4
Olhar crítico para beleza na mídia.	2
Aceitar diferentes opiniões sobre beleza.	1
Temática: <i>To be or to have?: that's the question</i>	Questionários respondidos: 38
Pergunta 1: Como foram as oficinas sobre o tema " <i>to be or to have</i> " (ser ou ter)?	
Respostas	Número de alunos/as
Boas	3
Muito boas	4
Ótimas	7
Legais	10
Pergunta 2: O que você aprendeu nessas aulas?	
Não preciso de tudo.	4

¹³ Essa proposta de atividade consta em JORDÃO, C. M. *et al.* O PIBID nas aulas de inglês: divisor de águas e formador de marés. Campinas-SP: Pontes editores, 2013.

Tem coisas que o dinheiro não paga/compra.	9
O mais importante é ser e não ter.	3
Pensar antes de comprar.	2
Inglês	4

Quadro 1: Síntese das respostas dos/as alunos/as a duas perguntas dos questionários

Ao analisarmos o quadro acima, percebemos que mais alunos/as (60) responderam ao primeiro questionário do que ao segundo (38). Isso ocorreu porque no dia em que aplicamos o segundo questionário, vários alunos/as não participaram das oficinas de inglês porque estavam preparando uma apresentação que fariam com uma outra professora da escola. Grande parte desses/as alunos/as justificaram a ausência, o que, a nosso ver, demonstra o comprometimento deles/as com nossas aulas.

As respostas da primeira questão, tanto em relação à primeira temática como à segunda, indicam que os/as alunos/as ficaram satisfeitos/as com o trabalho desenvolvido. De modo semelhante, as respostas à segunda questão dos dois questionários apontam que os/as alunos/as aprenderam não apenas a LE nas aulas, mas resignificaram algumas de suas concepções acerca dos temas "beleza" e "consumismo". Suas respostas dão indícios de que os objetivos gerais das duas propostas de oficinas foram alcançados.

Considerações finais

A prática docente sempre é uma tarefa desafiadora que requer muita pesquisa, estudos, reflexões e inovações constantes para se adequar à realidade dos/as alunos/as, ao interesse deles/as e, especialmente, para que o/a professor/a consiga mantê-los/as motivados/as, bem como manter sua própria motivação, que, certamente, será o primeiro passo para um ensino significativo. Os resultados iniciais das oficinas de LE/inglês que oferecemos no primeiro semestre de 2013 foram significativos, pois foi possível perceber reflexos até mesmo nas aulas regulares de inglês, no período matutino, com a participação mais ativa dos/as discentes.

Não poderíamos deixar de ressaltar alguns obstáculos que enfrentamos ao longo do caminho, como: a dificuldade em organizar as salas antes de cada oficina; o horário, que muitas vezes impossibilitava que almoçássemos no dia das oficinas; a rotatividade de alguns/as alunos/as das turmas; a coincidência de eventos/reuniões na escola no dia das oficinas; e, principalmente, a preparação das aulas na perspectiva crítica, como almejado por nós. No entanto, acreditamos que conseguimos superar essas dificuldades com êxito.

Das oficinas LE/inglês têm surgido bons resultados, como se fosse uma árvore que plantamos e colhemos os frutos. Hoje, cremos poder dizer, com satisfação, que estamos

caminhando para atingir nosso ideal no ensino de LE/inglês na escola pública. Temos nos esforçado para exercer o papel de agente transformador em nossa missão docente. Certamente, não conseguimos atingir a todos/as alunos/as, mas espalhamos as sementes e percebemos que muitas já estão germinando.

Entretanto, não teríamos alcançado esse resultado se não fosse a colaboração da escola que acolheu nosso subprojeto, dos/as demais professores/as que nos auxiliaram nessa caminhada, e, principalmente, se não fosse a receptividade, o comprometimento e as muitas demonstrações de carinho dos/as alunos/as com nossa proposta. Esse interesse dos/as alunos/as só aumenta nossa responsabilidade no planejamento e desenvolvimento de aulas de LE/inglês que sejam significativas e que contribuam para sua formação integral.

Referências

BORELLI, J.D.V.P; PESSOA, R. R.: Linguística aplicada na formação de professores: convergências da atuação crítica. In: PESSOA, R. R.; BORELLI, J.D.V.P. (Org.). *Reflexão e crítica na formação de professores de língua estrangeira*. Goiânia: Editora da UFG, 2011, p.15-30.

JORDÃO, C. M.; FOGAÇA, F. C. Ensino de inglês, letramento crítico e cidadania: um triângulo amoroso bem-sucedido. *Línguas & Letras*, v. 8, n. 14, p. 79-105, 2007.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética?. In: JORDÃO *et al* (Org.). *Formação “desformatada” práticas com professores de língua inglesa*. Campinas, SP: Pontes, 2011, p. 279-303.

MOITA LOPES, L. P. da. Linguagem e escola na construção de quem somos (prefácio). In: FERREIRA, A. de J. *Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as*. Campinas, SP: Pontes, 2012, p. 9-12.

PESSOA, R. R.; BORELLI, J.D.V.P. Apresentação. In: _____(Org.). *Reflexão e crítica na formação de professores de língua estrangeira*. Goiânia: Editora da UFG, 2011, p. 9-13.

_____. Reflexão crítica e colaborativa na formação do professor de língua estrangeira. In: _____(Org.). *Reflexão e crítica na formação de professores de língua estrangeira*. Goiânia: Editora da UFG, 2011, p. 59-80.

Anexos

Questionário 1

Project : “Body and beauty” – Students’ questionnaire

1. Como foram as oficinas sobre o tema “*beauty*” (beleza)?

2. O que você aprendeu nessas aulas?

3. Como você se sentiu durante as oficinas? Por quê?

4. Que atividade(s) você mais gostou? Por quê?

5. Que atividade(s) você menos gostou? Por quê?

Comentários/sugestões

Questionário 2

Project : “To be or to have” – Students’ questionnaire

1. Como foram as oficinas sobre o tema “*to be or to have*” (ser ou ter)?

2. O que você aprendeu nessas aulas?

3. Como você se sentiu durante as oficinas? Por quê?

4. Que atividade(s) você mais gostou? Por quê?

5. Que atividade(s) você menos gostou? Por quê?

Comentários/sugestões